

GALVESTON

GALVESTON



NIC PIZZOLATTO

Tradução de Alexandre Raposo



Copyright © 2010 by Nic Pizzolatto

TÍTULO ORIGINAL
Galveston

PREPARAÇÃO
Ulisses Teixeira

REVISÃO
Carolina Rodrigues
Tais Monteiro

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

DESIGN DE CAPA
Sean Garrehy - LBBG

FOTOGRAFIA DE CAPA
Shutterstock

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
P769g

Pizzolatto, Nic
Galveston / Nic Pizzolatto ; tradução Alexandre Raposo. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.

240 p. ; 23 cm.
Tradução de: Galveston
ISBN 978-85-8057-650-4

1. Ficção americana. I. Raposo, Alexandre. II. Título.

14-18055 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Amy e para Allegra

“Quantas vezes já me deitei debaixo de chuva sobre um telhado estranho, pensando em casa.”

— *William Faulkner*

GALVESTON

UM



Um médico tirou uma chapa dos meus pulmões. Estavam cheios de flocos de neve.

Quando saí do consultório, todos na sala de espera pareciam gratos por não serem eu. Dá para ver certas coisas no rosto das pessoas.

Senti que havia algo errado, porque, dias antes, eu perseguira um sujeito por dois lances de escada e tivera dificuldade de respirar, como se houvesse um peso no meu peito. Eu vinha bebendo muito havia algumas semanas, mas sabia que era mais do que isso. Fiquei tão irritado com a dor súbita que quebrei a mão do cara. Ele cuspiu os dentes e queixou-se com Stan dizendo que achava aquilo um exagero.

Mas é por isso que eles sempre me passam trabalho. Porque sou exagerado.

Falei com Stan sobre as dores no peito, e ele me mandou ir a um médico que lhe devia quarenta mil.

Já do lado de fora do consultório, peguei os cigarros na minha jaqueta e comecei a esmagar o maço com as mãos, mas decidi que não era o momento de parar. Acendi um ali mesmo, na calçada, mas não estava com gosto bom e a fumaça me fez pensar em fibras de algodão sendo tecidas no meu peito. Ônibus e carros passavam lentamente, e a luz do dia refletia nos vidros e nas calotas. Por trás dos meus óculos escuros, parecia que eu estava no fundo do mar e os veículos eram peixes. Imaginei um lugar bem mais escuro, mais frio, e os peixes se tornaram sombras.

Uma buzina me despertou. Eu começara a andar fora do meio-fio. Fiz sinal para um táxi.

Eu estava pensando em Loraine, uma garota que namorei, e na noite em que ficamos conversando até o amanhecer em uma praia em Galveston, em um local de onde podíamos observar os densos rolos de fumaça branca das refinarias de petróleo se estendendo ao longe, como uma estrada seguindo para o sol. Aquilo fora há uns dez, onze anos. Acho que ela sempre foi muito jovem para mim.

Mesmo antes das radiografias, eu já sentia muita raiva, porque a mulher que eu pensava que fosse minha namorada, Carmen, começou a transar com o meu chefe, Stan Ptitko. Eu estava indo encontrá-lo no bar dele. Isso já não fazia muito sentido naquele dia. Mas você não deixa de ser quem é só porque há uma nevasca de flocos de sabão no seu peito.

Não há como sair vivo dessa, mas você espera evitar o prazo final. Eu não iria contar para Stan, para Angelo ou para Lou sobre os meus pulmões. Não queria que ficassem no bar falando de mim quando eu não estivesse por lá. Rindo.

Marcas de dedos manchavam a janela do táxi, e a área residencial da cidade se aproximava do lado de fora. Alguns lugares se abrem para você, mas não havia nada de hospitaleiro em Nova Orleans. A cidade era uma bigorna atolada que sustentava a própria atmosfera. O sol brilhava entre os prédios e os carvalhos. Sentia a luz no meu rosto e, em seguida, a sombra, como um estroboscópio. Pensei na bunda de Carmen e no jeito como ela sorria para mim por sobre o ombro. Ainda pensava nela, e isso não fazia sentido, porque eu sabia que ela era uma puta sem coração. Ela estava com Angelo Medeiros quando começamos. Acho que eu meio que a roubei dele. Agora, estava com Stan. Angelo também trabalhava para Stan. Amenizava a minha indignação imaginar que ela andava transando com outros caras pelas costas dele.

Eu estava tentando pensar para quem poderia contar sobre os meus pulmões, porque eu queria contar a alguém. É preciso admitir que esta é uma notícia de merda quando se tem negócios a tratar.

O bar se chamava Stan's Place e tinha tijolos e telhado de estanho, janelas gradeadas e uma porta de metal amassada.

Lou Theriot, Jay Meires e algumas pessoas que eu não conhecia estavam sentadas lá dentro, sujeitos mais velhos. O nome do barman era

George. Sua orelha esquerda estava enfaixada com gaze branca. Perguntei a ele onde Stan estava e ele meneou a cabeça na direção de uma escadaria rente à parede que levava até o escritório. A porta estava fechada, então me sentei em um banco e pedi uma cerveja. Depois lembrei que estava morrendo e mudei o pedido para um Johnnie Walker Blue. Lou e Jay falavam sobre um problema com uma das franquias de apostas. Consegui entender porque tinha trabalhado com aquilo durante algum tempo nos meus vinte e poucos anos e conhecia aquele linguajar. Eles pararam de falar e ergueram os olhos para mim, porque eu estava ouvindo. Não sorri nem nada do tipo, e eles retomaram a conversa, bem mais baixo dessa vez, com as cabeças baixas para que eu não pudesse ouvi-los. Nunca foram com a minha cara. Eles conheceram Carmen como garçõete dali, antes de ela ficar com Stan, e acho que tinham certa má vontade comigo por causa dela.

Eles também não gostavam de mim porque eu realmente nunca me dera bem com aquela turma. Stan me herdou de seu ex-chefe, Sam Gino, que me herdou de Harper Robicheaux, e a culpa era só minha por eu nunca ter sido completamente aceito por aqueles caras. Eles se vestiam como carcamanos — agasalhos esportivos ou camisas com abotoaduras duplas, cabelos cheios de gel —, enquanto eu uso calças jeans e camisetas pretas, com jaqueta e botas de caubói, como sempre usei, além de manter o cabelo comprido à nuca e não fazer a barba. Meu nome é Roy Cady, só que Gino fez com que todo mundo passasse a me chamar de Big Country, e ainda me chamam assim, mas sem qualquer afeto. Sou do leste do Texas, do Triângulo Dourado, e esses caras sempre pensaram em mim como lixo, o que é bom, porque também têm medo de mim.

Não é como se eu tivesse qualquer desejo de subir a escada corporativa.

Sempre me dei muito bem com Angelo, no entanto. Antes do negócio com Carmen.

Então, a porta do escritório se abriu e Carmen saiu de lá, alisando a saia e ajeitando um pouco o cabelo. Não demorou muito até que me visse e ficasse meio paralisada. Mas Stan saiu logo atrás, enfiando a camisa na parte de trás da calça, e ela desceu a escada à frente dele. Seus passos

fizeram os degraus rangerem, e Carmen acendeu um cigarro antes de chegar ao fim da escada. Ela foi até a outra extremidade do bar e pediu um *greyhound*.

Pensei em fazer um comentário malicioso para ela, mas tive que guardá-lo para mim.

O que mais me dava raiva era que Carmen tinha arruinado a minha solidão. Eu estava sozinho havia muito tempo.

Quer dizer, eu transava quando precisava, mas estava sozinho.

Agora era como se ficar só não me caísse bem.

Stan acenou para Lou e Jay, veio até mim e disse que Angelo e eu faríamos um trabalho naquela noite. Tive que me esforçar para parecer satisfeito com essa parceria. Stan tinha a testa polaca inclinada como um penhasco, que projetava sombras em seus olhos minúsculos.

Ele me entregou um pedaço de papel e disse:

— Jefferson Heights. Vocês vão visitar Frank Sienkiewicz.

Lembrei-me daquele nome: um presidente, ex-presidente ou representante dos estivadores locais.

Parece que os estivadores estavam sob escrutínio federal. Havia rumores de que eram alvo de uma investigação. Eles transportavam coisas para os parceiros de Stan, e os pagamentos mantinham o sindicato vivo, mas isso era tudo o que eu sabia.

— Ninguém deve se machucar. Não quero isso agora — disse Stan.

Ele estava de pé atrás do meu banco e pousou a mão no meu ombro. Eu nunca seria capaz de ler aqueles olhos pequenos cravados sob as farras sobranceiras, mas um dos segredos do sucesso dele só podia ser a total falta de misericórdia no seu rosto — as largas maçãs daquela face eslava acima da boca estreita e sem lábios de um assaltante cossaco. Se os soviéticos realmente tinham pessoas que enfiariam um cabide incandescente na sua uretra, essas pessoas eram como Stanislaw Ptitko.

— Preciso que o cara entenda as coisas direito — disse Stan. — Ele precisa jogar para a equipe. É só isso.

— Tenho que ir com Angelo para fazer isso?

— Leve-o de qualquer jeito. Prefiro ser cuidadoso. — Ele também me disse que eu deveria fazer uma coleta em Gretna antes de encontrar An-

gelo. — Portanto, seja pontual — acrescentou, apontando para o Johnnie Walker na minha mão.

Stan entornou uma dose de Stoli e deslizou o copo de volta para o barman. A gaze em volta da orelha de George tinha uma mancha amarela no centro. Stan não olhou diretamente para mim quando ajeitou a gravata e disse:

— Sem revólver.

— O quê?

— Lembra daquele caminhoneiro no ano passado? Não quero ninguém levando tiro por causa do maldito nervosismo de outra pessoa. Portanto, estou dizendo para você e direi para Angelo: não levem armas. Não quero saber de ninguém armado.

— O cara vai estar lá?

— Vai. Estou enviando um presente para ele.

Ele se foi, parou ao lado de Carmen, beijou-a com força e apertou seu seio uma vez, e uma vontade bárbara se arrastou na minha mente. Então, saiu pela porta dos fundos e Carmen parecia apenas entediada, fumando. Pensei no que Stan dissera sobre não levar armas.

Aquilo me pareceu uma coisa estranha de se dizer.

Carmen olhou feio para mim do outro lado do bar. Lou e Jay perceberam e começaram a conversar com ela, dizendo-lhe como Stan parecia *relaxado* quando estava com ela. Isso era mesmo verdade, percebi, e tudo isso começou a doer um pouco e a fazer com que partes do fundo do meu coração sentissem uma pontada de vergonha. Virei o Johnnie Walker e pedi outro.

Carmen tinha um cabelo castanho-claro, comprido e preso para trás, e a pele do seu belo rosto estava áspera; o pó de arroz se acumulava nas pequenas dobras e rugas invisíveis a menos que você estivesse perto dela. Carmen me fazia lembrar de um copo vazio de drinque que já tinha sido bebido, com gelo e uma casca de limão esmagada no fundo.

Acho que o motivo pelo qual os homens gostavam de Carmen é porque ela liberava altos níveis de carnalidade. Você olhava para ela e simplesmente sabia: essa aí topa tudo. É sensual, mas não dá mesmo para suportar.

Eu sabia de coisas que ela fizera, sobre as quais Angelo não sabia. Coisas como orgias. Certa vez, ela se ofereceu para trazer outra garota para mim, para dar uma apimentada.

Não era exatamente a minha praia. Na época, eu tinha uma ideia de romance que agora percebo que era inadequada.

Na minha opinião, ela gostava mais de trair do que de fazer sexo. Como se tivesse uma marca a ser estabelecida.

Carmen alegou que bati nela certa vez, mas não acreditei nisso. Ela era um pouco atriz, e para Carmen o drama era mais importante que a verdade.

Embora eu admita que minha memória da noite em questão não é das melhores.

No bar, Lou lhe disse algo do tipo:

— Está claro que você sabe como fazer um homem feliz.

— Ninguém pode dizer que não tento — respondeu Carmen.

Todos riram e a pistola .380 às minhas costas pareceu esquentar. Aquilo não me traria satisfação alguma. Eu só estava com raiva e não queria morrer da maneira como o médico sugeriu que eu morreria.

Joguei um pouco de dinheiro sobre o balcão e saí. Algumas noites antes, eu enchera a cara de tequila e deixara minha caminhonete ali, e o veículo ainda estava intacto, uma grande F-150 1984. Isso tudo aconteceu em 1987, e eu gostava mais dos modelos daquela época: quadrados e atarracados, maquinaria pesada, não os brinquedinhos de hoje. Atravessei toda a Pontchartrain Expressway e deixei o rádio desligado, de forma que meus pensamentos zumbiram como as asas de uma abelha.

Gretna. Na Franklin Street, me perguntei quando seria a última vez que eu faria qualquer coisa. Cada feixe de luz do sol que atingia o para-brisa à medida que as árvores passavam meio que exigia que eu pensasse naquilo, mas não posso afirmar que tenha feito isso. Tentei conceber como seria não existir, mas não tinha imaginação para tal.

Senti a mesma asfixia e o mesmo desespero de quando tinha doze, treze anos, olhando para os vastos campos de algodão. Manhãs de agosto, com o saco de aniagem apoiado no ombro, e o Sr. Beidle em seu cavalo com o apito de técnico, controlando as crianças da casa comunitária. A miserável ideia de infinitude na tarefa. Aquela sensação de Você Não Pode Vencer. Depois de uma semana na colheita, notei pela primeira vez os calos nas minhas mãos quando deixei cair um garfo e percebi que não conseguia mais sentir nada com a ponta dos dedos. Olhei então para as

duras pontas dos meus dedos, segurando o volante, e uma onda de raiva os fez se apertarem. Uma sensação como se eu tivesse sido enganado. Então, pensei em Mary-Anne, minha mãe. Ela era fraca, uma mulher esperta que se achava estúpida. Mas não havia razão para pensar nela hoje.

Encontrei o endereço que Stan me dera, um cabeça de porco ao lado de uns armazéns enfileirados: desbotado, com os tijolos pichados e erva daninha alta e capim se misturando com o terreno baldio ao lado. Latas velhas no estacionamento, aquela atmosfera de óleo e lixo quente que paira sobre Nova Orleans.

Número 12. Segundo andar. Ned Skinner.

Passsei uma vez por sua janela e olhei para dentro. Estava escuro e não registrei qualquer movimento. Enfiei a mão no bolso, onde guardara o soco-inglês, e continuei andando pela varanda. Desci, dei a volta pelos fundos e verifiquei as janelas. Uma brisa fez oscilar as ervas daninhas altas.

Voltei a subir e bati à porta. O edifício inteiro parecia deserto. Persianas fechadas, nenhum barulho de TV ou rádio. Então esperei, olhei em volta e, em seguida, usei o canivete no marco da porta, ao redor da fechadura. Madeira barata, lascou fácil.

Deslizei para dentro e fechei a porta. Um lugar pequeno só com alguns móveis e lixo por toda parte: jornais e uma tonelada de tabelas velhas de corridas de cavalo, embalagens de fast-food, uma TV com seletor de canais e a tela rachada. Havia garrafas vazias de vodca de boa qualidade junto ao balcão. Sempre odiei gente porca.

Cheirava mal ali dentro, algo como suor, respiração rançosa e cê-cê. Mofo e sujeira cobriam o banheiro, roupas secas e duras jogadas nos azulejos. O quarto tinha apenas um colchão estendido no chão e um emaranhado de lençóis finos e amarelados. Boletos de aposta de corridas amassados estavam espalhados pelo tapete feito flores podadas.

No chão ao lado da cama havia uma fotografia emoldurada virada para baixo. Peguei-a: uma mulher de cabelo castanho com um menininho, ambos bem bonitos, sorrindo com olhos vívidos. A foto parecia ter sido tirada muitos anos antes. Dava para perceber pelo penteado e pelas roupas da mulher, e também pelo papel fotográfico, mais grosso do que os atuais, com uma textura semelhante à de couro, e parecia também que os rostos haviam

desbotado com o tempo. Levei-a até a sala de estar, tirei uma caixa de pizza de cima de uma cadeira e me sentei. Olhei para a fotografia e, em seguida, para o apartamento. Eu já morara em lugares como aquele.

Analisei os sorrisos na foto.

Então, algo passou por mim, um sentimento ou fragmento de conhecimento, mas não consegui entendê-lo muito bem. Uma sensação de alguma coisa que certa vez soube ou senti, uma memória que não viria à luz. Continuei buscando, mas não conseguia capturar aquilo.

Entretanto, parecia estar perto.

A luz das persianas se derramava sobre mim como listras de um antigo uniforme de presidiário. Esperei por muito tempo naquela cadeira, mas o sujeito nunca apareceu. E, dado o que ocorreu depois, eu viria a considerar o tempo que esperei por ele como uma demarcação nas nossas vidas — na minha e na dele.

Um momento em que as coisas poderiam ter ido por um caminho, antes de terem seguido por outro.